

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Letras:

Representações, Construções
e Textualidades

2



Atena
Editora
Ano 2021

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Letras:

Representações, Construções
e Textualidades

2



Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Elói Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlundo Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miraniide Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andrezza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenología & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Letras: representações, construções e textualidades 2

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L649 Letras: representações, construções e textualidades 2 /
Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. –
Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-180-7

DOI 10.22533/at.ed.807210806

1. Letras. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de
(Organizador). II. Título.

CDD 401

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Em **LETRAS: REPRESENTAÇÕES, CONSTRUÇÕES E TEXTUALIDADES 2**, coletânea de vinte capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área da Linguística, Letras e Artes e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, nesse volume, dois grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações. Neles estão debates que circundam estudos linguísticos; e estudos em ensino e leitura.

Estudos linguísticos traz análises sobre léxico, semântica, linguagem, gênero discursivo, análise do discurso, livro didático.

Em estudos em ensino e leitura são verificadas contribuições que versam sobre língua, cultura, português como língua estrangeira, ensino, escrita, estágio supervisionado, tradução intermodal, tecnologias, contexto e compreensão, leitura e prática.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
REPRESENTAÇÕES LEXICAIS E SUBLEXICAIS DO ACENTO DE PALAVRA DE L1 E DE L2	
Amanda Post da Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.8072108061	
CAPÍTULO 2	11
ANÁLISE SEMÂNTICA NA LITERATURA INFANTIL	
Janete Terezinha Schmitz	
DOI 10.22533/at.ed.8072108062	
CAPÍTULO 3	24
ASPECTOS DA VISÃO BAKHTINIANA SOBRE OS ESTUDOS DA LINGUAGEM	
Tiago Pellizzaro	
DOI 10.22533/at.ed.8072108063	
CAPÍTULO 4	31
O TRABALHO COM O GÊNERO DISCURSIVO NOTÍCIA NO PIBID: ENSINO-APRENDIZAGEM DA ESCRITA E DA LEITURA	
Anaylle Queiroz Pinto	
Caroline Brandão Dantas	
Letícia dos Santos Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.8072108064	
CAPÍTULO 5	42
GÊNEROS DIGITAIS – ESCOLHAS DISCENTES, OPÇÕES DOCENTES	
Nara Luz Chierighini Salamunes	
DOI 10.22533/at.ed.8072108065	
CAPÍTULO 6	55
A POLÍTICA NA TRADUÇÃO DE <i>IDEOSCAPES</i> ETNOGRÁFICOS: <i>THE DEATH AND LIFE OF AIDA HERNANDEZ: A BORDER STORY</i>	
Rachael Anneliese Radhay	
DOI 10.22533/at.ed.8072108066	
CAPÍTULO 7	69
ANÁLISE DO DISCURSO DOS PERFIS NO <i>INSTAGRAM</i> DAS DEPUTADAS ESTADUAIS DO PSB DA PARAÍBA	
Jéssika Pamela de Carvalho Pereira	
Oriana de Nadai Fulanetti	
DOI 10.22533/at.ed.8072108067	
CAPÍTULO 8	82
TURISMO NA PANDEMIA: O QUE DIZEM OS DISCURSOS JORNALÍSTICOS ON-LINE	

DE PAÍSES HISPÂNICOS

Maria Francisca da Silva

Eliane Pereira dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.8072108068

CAPÍTULO 9..... 94

EFEITOS PARAFRÁSTICOS EM TÍTULOS DE LIVROS DIDÁTICOS DO PNLD DE LÍNGUA PORTUGUESA

Álvaro José da Silva Fonseca

Janete Silva dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.8072108069

CAPÍTULO 10..... 109

NAS VEREDAS DO TERRA BRASIL: CURSO DE LÍNGUA E CULTURA

Regina Lúcia Péret Dell'Isola

DOI 10.22533/at.ed.80721080610

CAPÍTULO 11 122

O ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

Jacqueline Miranda Cardoso

DOI 10.22533/at.ed.80721080611

CAPÍTULO 12..... 138

A IMPORTÂNCIA DA CONTEXTUALIZAÇÃO NO ENSINO DE PLE: A SALA DE AULA NA AUSTRÁLIA

Laura Guesse Penido

DOI 10.22533/at.ed.80721080612

CAPÍTULO 13..... 147

O LÉXICO E A EXPRESSIVIDADE EM LÍNGUA PORTUGUESA: UM CAMINHO PARA O ENSINO

Darcília Simões

DOI 10.22533/at.ed.80721080613

CAPÍTULO 14..... 157

INTERNETÊS: TRANSPOSIÇÃO DE EXPRESSÕES DA ESCRITA DIGITAL PARA TEXTOS DE ALUNOS DE ESCOLA PÚBLICA

Stela Fernandes Silva de Oliveira

Elza Sabino da Silva Bueno

DOI 10.22533/at.ed.80721080614

CAPÍTULO 15..... 172

FORMAS LINGUÍSTICAS DE APROPRIAÇÃO DO DISCURSO ALHEIO EM RELATÓRIOS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Vilma Nunes da Silva Fonseca

DOI 10.22533/at.ed.80721080615

CAPÍTULO 16.....	182
TRADUÇÃO INTERMODAL DE TEXTOS SENSÍVEIS	
Saulo Xavier de Souza	
Marcos Flavio Portela Veras	
Hosana Valéria Corrêa Moura Seiffert	
Meire Borges de Oliveira Silva	
Paulo Sérgio de Jesus Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.80721080616	
CAPÍTULO 17.....	189
A INFLUÊNCIA DA TECNOLOGIA NAS PRÁTICAS INFORMAIS DE APRENDIZADO MUSICAL NA OFICINA DE MÚSICA DO PIBID/UEMG	
Fernando Macedo Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.80721080617	
CAPÍTULO 18.....	200
CONTEXTO E COMPREENSÃO: PERCEBENDO OS SENTIDOS PROFUNDOS DO TEXTO	
Stenio Lima de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.80721080618	
CAPÍTULO 19.....	216
LEITURA SILENCIOSA E LEITURA ORALIZADA: RECURSOS PARA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM TEXTOS	
Maria Elena da Silva	
Luciane Braz Perez Mincoff	
DOI 10.22533/at.ed.80721080619	
CAPÍTULO 20.....	224
UMA PRÁTICA DE LEITURA ATRAVÉS DA ABORDAGEM GLOBAL: CONJUGANDO TEXTO LITERÁRIO E NÃO LITERÁRIO	
Carmen Elena das Chagas	
DOI 10.22533/at.ed.80721080620	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	238
ÍNDICE REMISSIVO.....	239

CAPÍTULO 12

A IMPORTÂNCIA DA CONTEXTUALIZAÇÃO NO ENSINO DE PLE: A SALA DE AULA NA AUSTRÁLIA

Data de aceite: 01/06/2021

Data de submissão: 03/03/2021

Laura Guesse Penido

Sydney, Nova Gales do Sul

RESUMO: O seguinte trabalho visa ressaltar a importância da contextualização do ensino de PLE de acordo com as especificidades da audiência em questão. No caso deste trabalho, ele é baseado em aulas ministradas para adultos nascidos (em sua maioria) na Austrália e cuja principal (se não a única) língua é o inglês australiano. Tais particularidades são levadas em consideração na abordagem das aulas a fim de construir um conteúdo significativo para os alunos a partir das relações entre: - História do país da língua ensinada (Brasil) - História do país nativo (Austrália) - Língua ensinada (português brasileiro) - Língua nativa (inglês australiano). Entre os vários exemplos sobre a importância e eficácia de um ensino de PLE dialogal, podemos citar a discussão gerada em sala de aula por conta da palavra “criado-mudo” (presente em um material didático). A simples tradução para inglês australiano como “bedside table” não faz jus ao significado racista desta palavra que, apesar de ser tão comumente usada no contexto brasileiro, deve ser contextualizada sócio-político-culturalmente de maneira que o ensino de PLE não se restrinja a transmissão/tradução de conhecimento, mas seja construído de maneira crítica e conjunta. Assim, a partir dos

dados coletados em sala de aula, este trabalho tem como objetivo demonstrar que o ensino de PLE não se restringe ao ensino tecnicista da língua, mas o seu sentido e a sua relevância ao estrangeiro é ressignificada na medida em que as suas particularidades como aprendiz são consideradas, trazendo uma significativa proximidade entre suas realidades culturais apesar de estarem há milhares de quilômetros de distância.

PALAVRAS-CHAVE: português como língua estrangeira; aspectos socio-político-culturais.

THE IMPORTANCE OF CONTEXTUALIZATION IN PFL TEACHING: THE CLASSROOM IN AUSTRALIA

ABSTRACT: The following work aims to emphasize the importance of contextualizing PFL (Portuguese as Foreign Language) teaching according to the specificities of the audience in question. This work is based on classes taught to adults born (mostly) in Australia and whose primary (if not the only) language is Australian English. Such particularities are taken into account when approaching classes in order to build meaningful content for students based on the relationships between: - History of the country of the language taught (Brazil) - History of the native country (Australia) - Language taught (Brazilian Portuguese) - Native language (Australian English). Among the several examples provided in relation to the importance and effectiveness of a dialogical PFL teaching, the classroom discussion around the word “criado-mudo” (present in a didactic material) is a relevant

illustration. The simple Australian English translation of “bedside table” does not live up to the racist meaning of this word, which, despite being so commonly used in the Brazilian context, must be contextualized socio-political-culturally so that the teaching of PFL is not restricted to the transmission/translation of knowledge, but be built critically and jointly. Thus, from the data collected in the classroom, this work aims to demonstrate that PFL teaching is not restricted to the language’s technical learning. However, its meaning and relevance to foreigners are re-signified to the extent that their particularities as an apprentice are considered, bringing meaningful proximity between cultural realities, despite being thousands of kilometres away.

KEYWORDS: Portuguese as a foreign language; socio-political-cultural aspects.

INTRODUÇÃO

Tendo em vista os diferentes aspectos que envolvem o processo de ensino/aprendizagem, o seguinte trabalho visa analisar esse tópico a partir de um cenário muito particular: o ensino do português brasileiro como língua estrangeira na Austrália.

A ideia é demonstrar a importância de tornar o ensino da língua portuguesa brasileira, dotada de sentido por conta da sua história no Brasil, relevante e significativa para aqueles que, do outro lado do mundo, procuram aprender não apenas uma nova língua, mas mais sobre este país.

Para tanto, o papel do professor como mediador destas distintas realidades é indispensável para que haja a construção de um conhecimento que não é meramente acumulativo e sim construído a partir do diálogo entre elas.

BRASIL: DESCOBERTO OU CONQUISTADO?

O que pode parecer uma pergunta simplista para alguns tendo em vista o desenvolvimento no campo das ciências humanas e o reconhecimento de outras narrativas históricas e configurações sociais a partir de aspectos culturais múltiplos, para outros, pode se apresentar como uma pergunta insignificante, privada de significado.

A referida percepção ocorreu na preparação da minha primeira aula para uma turma de iniciantes em português quando estava preparando uma rápida introdução sobre a história do Brasil e me deparei com o uso das palavras “descobrimento” e “descoberta” para se referir a chegada dos portugueses no país, tanto em sites educacionais como em material didático.

O desconforto gerado pelo persistente uso de tais palavras, desconsiderando o fato de que aquelas terras já eram habitadas por cerca de 3 milhões de nativos (SOUSA, s.d.)¹, foi ambíguo por conta da similaridade entre a história do Brasil e da Austrália em relação a narrativa colonizadora e as consequências da sua propagação ainda hoje presentes nos nossos ideários nacionais. Apesar de na Austrália tais termos não serem deliberadamente

¹ Sousa, R. População indígena no Brasil. *Mundo Educação*. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/a-populacao-indigena-no-brasil.htm>. Acesso em: 8 jun. 2020.

usados devido ao discernimento da população sobre o assunto, a falta de reconhecimento dos povos originários persiste de outras maneiras.

AUSTRÁLIA: LEGALMENTE A “TERRA NULLIUS”

Estima-se que antes dos europeus chegarem à Austrália, os aborígenes já estavam aqui há pelo menos 40 mil anos (BRITANNICA ESCOLA, s.d.).² Apesar do capitão James Cook ter desembarcado no sudeste australiano em 1770 e tomado posse da terra em nome da coroa britânica, chamando-a de “Nova Gales do Sul”, somente em 1788 a Austrália foi transformada em um colônia penal uma vez que as prisões da Inglaterra estavam superlotadas e já não podiam mais enviar os presidiários aos Estados Unidos, que decretaram a sua independência em 1776.

A população aborígene foi quase exterminada devido às doenças infecciosas trazidas pelos colonizadores e guerras durante a expansão territorial, representando hoje apenas 5% da população do país. Apesar do completo descaso com os povos que já habitavam aqui sob a alegação de que a Austrália era uma “terra que não pertence a ninguém”, ainda hoje os povos aborígenes e das ilhas do Estreito de Torres não são reconhecidos como os povos originários de acordo com a Constituição, apesar dos referendos que aconteceram ao longo da história do país.

Segue abaixo um trecho do direito internacional da Europa no final do século XVIII que demonstra como a postura adotada pela Grã-Bretanha foi completamente fraudulenta perante a posse das terras australianas:

De acordo com o direito internacional da Europa no final do século XVIII, havia apenas três maneiras pelas quais a Grã-Bretanha poderia tomar posse de outro país:

1. Se o país estivesse desabitado, a Grã-Bretanha poderia reivindicar e resolver esse país. Nesse caso, poderia reivindicar a propriedade da terra.
2. Se o país já estivesse habitado, a Grã-Bretanha poderia pedir permissão aos povos indígenas para usar parte de suas terras. Nesse caso, a Grã-Bretanha poderia comprar terras para uso próprio, mas não poderia roubar a terra dos povos indígenas.
3. Se o país fosse habitado, a Grã-Bretanha poderia dominá-lo por invasão e conquista - em outras palavras, derrotá-lo na guerra. No entanto, mesmo depois de vencer uma guerra, a Grã-Bretanha teria que respeitar os direitos dos povos indígenas (RACISM NO WAY: ANTI-RACISM EDUCATION FOR AUSTRALIAN SCHOOLS, s.d.).³

Tal postura, distante de ser meramente jurídica, compromete a legitimação e a construção de uma narrativa que, diferente da colonizadora, seja capaz de retratar e

2 Austrália. *Britannica Escola*. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/Austr%C3%A1lia/480708>. Acesso em 8 jun. 2020.

3 Terra Nullius. *Racism no way: Anti-racism education for Australian schools*. Tradução nossa. Disponível em: <https://www.racismnoway.com.au/teaching-resources/factsheets/terra-nullius/>. Acesso em 8 jun. 2020.

sobretudo reconciliar aborígenes e não-aborígenes apesar de suas diferenças. Entre os vários motivos da necessidade desta revisão, o feriado do Dia da Austrália foi um exemplo discutido em sala de aula.

A data é comemorada no dia 26 de Janeiro, remetendo a chegada das primeiras embarcações inglesas em Nova Gales do Sul em 1788 e o hasteamento da bandeira da Grã Bretanha, proclamando sua soberania sob aquelas terras até então “inabitadas”. Todavia, apesar do feriado ser chamado oficialmente de “Dia da Austrália”⁴, tal nome ainda gera grande controvérsia pois esta data representa o início do processo de colonização e dizimação dos povos aborígenes.

Infelizmente não existe um consenso quanto qual dia ou nome seria ideal para tal celebração, mas há um esforço social em reconhecer que o dia 26 de Janeiro não pode ser chamado por este nome. “Dia da Invasão”, “Dia da Sobrevivência” e “Dia de Luto” são algumas opções propostas dado o real significado desta data. Tais alternativas são apenas algumas das tentativas em fazer justiça às centenas de anos de extermínio e exclusão para que, gradualmente, através da conscientização e retratação, possa haver uma reconciliação genuína entre todos aqueles que consideram a Austrália seu lar:

Mas, independentemente de a data do Dia da Austrália mudar ou não, o dia 26 de janeiro será sempre um dia importante. Será sempre o dia da invasão. Será sempre o dia da sobrevivência. Será sempre um dia de luto.

Assim, como quer que você chame, seja qual for o evento que você escolher, ou se você apenas faz suas próprias coisas, não precisamos debater o que deveríamos chamar hoje, desde que possamos concordar com uma coisa simples - a Austrália sempre foi e sempre será terra aborígene (PEARSON, 2020).⁵

Tendo em vista a seriedade desta questão, considerei pertinente trazer tal discussão para a sala de aula tendo em vista a similaridade com a história da colonização do Brasil. Além disso, é válido ressaltar que nenhum dos alunos em sala de aula era aborígene e, portanto, a abordagem do assunto deveria levar em consideração a minha posição como professora imigrante e latina (ou não-branca, apesar de no Brasil eu ser branca⁶) e a deles como alunos australianos brancos.

Ciente do fato de que há muitos brasileiros que vivem na Austrália, pedi para que eles fizessem duas atividades de lição de casa e depois conversáramos sobre elas. A primeira era para escrever um texto explicando a um(a) brasileiro(a) o que é celebrado no dia “Dia da Austrália/Dia da Invasão” e os motivos pela falta de consenso no país quanto a celebração do mesmo. E a segunda era para falar sobre as semelhanças e as diferenças

4 De acordo com o site do governo Australiano: <https://www.fairwork.gov.au/leave/public-holidays/list-of-public-holidays>. Acesso em 8 jun. 2020

5 Pearson, L. OPINION: Invasion Day, Survival Day, or Day of Mourning? All of the above. SBS. 16 jan. 2020. Tradução nossa. Disponível em: <https://www.sbs.com.au/nitv/article/2017/01/19/opinion-invasion-day-survival-day-or-day-mourning-all-above>. Acesso em: 8 jun. 2020.

6 Considerei importante contextualizar o meu lugar de fala no Brasil e na Austrália a eles para termos uma troca mais proveitosa.

entre o Brasil e a Austrália em relação ao processo de colonização a partir da música “Índios” do Legião Urbana.

Apesar da profundidade de tais assuntos tendo em vista ser um turma de pré-intermediário 1, é importante ressaltar que o principal objetivo de aulas como essa, em que conceitos são explicados historicamente levando em consideração seus significados socio-político-culturais, é tornar a explicação acessível e dialogical, sendo feita majoritariamente na língua nativa dos alunos. É claro que algumas palavras-chave são ensinadas em português a fim de tornar a seriedade da discussão mais perceptível, na medida em que eles entendem o significado daquelas palavras e refletem sobre a sua própria realidade e língua a partir do idioma que estão aprendendo.

Portanto a ideia era criar um espaço seguro onde pudéssemos conversar sobre um tópico polêmico, mas extremamente importante para ambos países, reconhecendo o nosso lugar de fala e como podemos contribuir de maneira conjunta. O resultado das atividades foi uma conversa muito saudável sobre como o Brasil e a Austrália têm aspectos em comum a serem abordados e compartilhados apesar de serem países tão distantes e de línguas diferentes.

O PORTUGUÊS BRASILEIRO E A HISTORICIDADE NÃO TRADUZIDA

Um dos aspectos fascinantes (mas extremamente alarmantes) no ensino de português como língua estrangeira é a percepção que nós como professores temos da naturalização da língua. Como a sua produção, uso e consolidação são construções sociais feitas por nós, mas que indubitavelmente nos influencia como indivíduos e como sociedade a partir do momento em que usamos a língua como forma de expressão da realidade à nossa volta.

Dito de uma outra forma, cada palavra tem em si um significado que foi moldado, mas ainda molda o contexto em cada momento que ela é inserida. O que significa que a conscientização da língua como politizada é indispensável para que os seus sentidos, dotados de historicidade, sejam (ou não) propagados devido ao seu caráter preconceituoso. Tratando-se do ensino da língua como estrangeira, tal percepção se faz ainda mais necessária na medida em que os alunos talvez não tenham um conhecimento histórico sobre o contexto de produção da língua no país para discernirem e, portanto, compreenderem a sua dimensão política.

Toda essa análise começou por conta da preparação de uma aula sobre móveis. Estava lendo o capítulo do livro e organizando quais atividades daria em sala de aula quando me deparei com o termo “criado-mudo” e a foto com uma mesa de cabeceira. Me chamou a atenção quando vi aquilo porque depois de muitos anos, eu finalmente havia entendido o significado daquela e de tantas outras palavras e expressões e por isso não achava que encontraria um exemplo deste em um livro didático.

A partir disto eu tive a certeza que deveria explorar o assunto para além da aula sobre mobília, demonstrando como simples traduções (criado-mudo = bedside table), são insuficientes em revelar historicidade das palavras e quão naturalizadas e, consequentemente, despercebidas elas são por nós apesar de preconceituosas.

Expressões como “criado-mudo”, “a coisa tá preta”, “fazer nas coxas” entre outras eram completamente novas e muito elucidativas para os alunos quanto a realidade brasileira e a complexidades do seu uso, por não terem um equivalente em inglês australiano. Já expressões como “mercado negro” e “denegrir” eles entenderam mais facilmente por terem na sua língua nativa, apesar de não serem todas necessariamente parte da sua história como nação, conforme veremos na próxima seção.

COMO FAZER SENTIDO? - RECONHECENDO O INGLÊS AUSTRALIANO PARA APRENDER O PORTUGUÊS BRASILEIRO

O entendimento da língua como politizada possibilita uma melhor interação entre aluno e professor na medida em que ambos têm papéis importantes no ensino/aprendizagem de uma outra língua, ao terem suas realidades reconhecidas e assimiladas neste processo. No caso deste trabalho, o contexto de troca acontece entre alunos australianos cuja língua nativa é o inglês australiano e a professora brasileira cuja língua nativa é o português brasileiro.

A importância de tais especificidades é percebida em sala de aula quando as tentativas de tradução são insuficientes devido a não correspondência entre as realidades tanto no passado, quanto no presente. Como dito anteriormente, o uso da língua não se limita a um conjunto de palavras dispostas em uma sentença, mas a compreensão da sua contextualidade/historicidade, na medida em que ela é produzida e também produz discursos que conformam e sobretudo, materializam a nossa realidade.

Tal análise adveio de conversas em sala de aula e da percepção gradual de que as questões socioculturais na Austrália e como isso reverbera no uso do inglês são diferentes das no Brasil e como isso se reflete no uso do português. Óbvio ou não, explico. Ao explicar sobre o uso naturalizado de palavras e expressões preconceituosas em português, um dos meus alunos me perguntou se a questão racial no Brasil era parecida com a dos Estados Unidos pelo fato de termos tantos termos pejorativos se referindo aos negros.

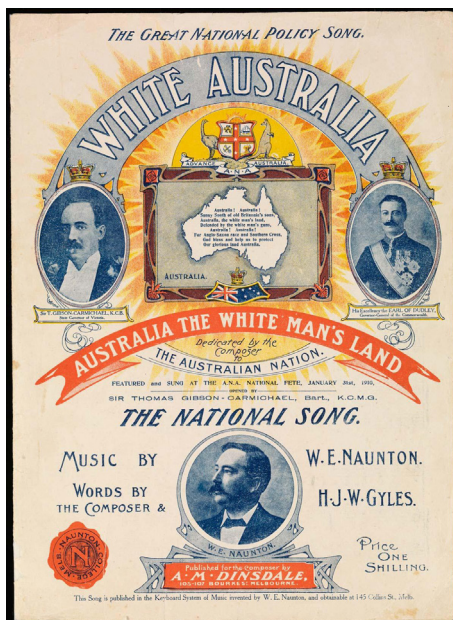
Esta pergunta foi fundamental para compreender de uma maneira simples e clara que apesar do racismo estar presente em diferentes línguas, a sua configuração varia dependendo dos agentes envolvidos historicamente. No caso do Brasil, além dos indígenas terem sido escravizados, foram cerca de 4,9 milhões de escravos africanos trazidos (em comparação a 389 mil nos Estados Unidos) sendo o maior tráfico escravagista do mundo (ROSSI, 2018)⁷. Em contrapartida, na Austrália a mão-de-obra escrava (ANTHONY;

⁷ Rossi, A. Navios portugueses e brasileiros fizeram mais de 9 mil viagens com africanos escravizados. BBC News Brasil. São Paulo, 7 ago. 2018. Tradução nossa. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil=45092235-#:~:text=>

GRAY, 2020)⁸ adveio dos povos aborígenes, das ilhas do Estreito de Torres e da região da Melanésia⁹. Também houve uma maciça imigração não Europeia durante o século XIX, sobretudo de imigrantes chineses, o que culminou na criação da “Política da Austrália Branca” em 1901:

A “Política da Austrália Branca”, formalmente a Lei de Restrição à Imigração de 1901 na história australiana, foi uma legislação fundamental da Commonwealth da Austrália que efetivamente interrompeu toda a imigração não europeia no país e que contribuiu para o desenvolvimento de uma sociedade branca isolada racialmente. Ela refletia um sentimento de longa data e unificador das várias colônias australianas e permaneceu uma política fundamental do governo até meados do século XX.¹⁰

IMAGEM 1 - CANÇÃO POLÍTICA DA AUSTRÁLIA BRANCA¹¹



Fonte: *Encyclopaedia Britannica*

A%³%A9m%²⁰disso%^{2C}%²⁰independentemente%²⁰de%²⁰quem,Estados%²⁰Unidos%^{2C}%²⁰foram%²⁰389%²⁰mil. Acesso em: 15 jun. 2020.

8 Anthony, T; Gray, S. Was there slavery in Australia? Yes. It shouldn't even be up for debate. *SBS*. 12 jun. 2020. Tradução nossa. Disponível em: <https://www.sbs.com.au/news/was-there-slavery-in-australia-yes-it-shouldn-t-even-be-up-for-debate>. Acesso em: 15 jun. 2020.

9 "A Melanésia é uma região localizada na Oceania. Fica perto da Austrália e abrange várias ilhas: a Nova Guiné, as Luisíadas, Santa Cruz, a Nova Caledônia, as ilhas do Almirantado e as que constituem os países chamados Ilhas Salomão, Vanuatu e Fiji, além de outras menores. Ao todo, abrange uma área de 550.000 km² ." Melanésia. *Britannica Escola*. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/Melan%C3%A9sia/483380>. Acesso em 15 jun. 2020.

10 The Editors of Encyclopaedia Britannica. White Australia policy. *Encyclopaedia Britannica*. Tradução nossa. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/White-Australia-Policy>. Acesso em: 15 jun. 2020.

11 Ibidem.

Logo, expressões racistas como “abbo”, uma maneira pejorativa de se referir aos aborígenes e “long time no see” (= it has been a long time I haven’t seen you), uma sátira a maneira como os chineses falam inglês por ser sua segunda língua, apenas evidenciam que a língua se configura a partir das relações de poder historicamente constituídas e por isso deve ser revista a fim de deslegitimar a propagação de um sistema racista e excludente.

CONCLUSÃO

O seguinte trabalho visa demonstrar a partir dos exemplos em sala de aula a importância da contextualização do ensino de PLE, considerando não apenas aspectos discernentes à língua ensinada mas também a língua nativa do público em questão. Reconhecer essas realidades e problematizá-las a partir do uso da língua é possibilitar novos significados e conexões que estão para além da sala de aula e a relação entre o aluno e professor, porém, estende-se socialmente na medida em que as reflexões suscitadas diz respeito tanto a realidade direta (na Austrália) quanto indireta (no Brasil) dos alunos e como eles podem conscientemente se posicionar diante do uso da língua.

REFERÊNCIAS

Anthony, T; Gray, S. Was there slavery in Australia? Yes. It shouldn’t even be up for debate. *SBS*. 12 jun. 2020. Tradução nossa. Disponível em: <https://www.sbs.com.au/news/was-there-slavery-in-australia-yes-it-shouldn-t-even-be-up-for-debate>. Acesso em: 15 jun. 2020.

Austrália. *Britannica Escola*. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/Austr%C3%A1lia/480708>. Acesso em 8 jun. 2020.

Fair Work Ombudsman. Disponível em: <https://www.fairwork.gov.au/leave/public-holidays/list-of-public-holidays>. Acesso em 8 jun. 2020.

Melanésia. *Britannica Escola*. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/Melan%C3%A9sia/483380>. Acesso em 15 jun. 2020.

Pearson, L. OPINION: Invasion Day, Survival Day, or Day of Mourning? All of the above. *SBS*. 16 jan. 2020. Tradução nossa. Disponível em: <https://www.sbs.com.au/nitv/article/2017/01/19/opinion-invasion-day-survival-day-or-day-mourning-all-above>. Acesso em: 8 jun. 2020.

Rossi, A. Navios portugueses e brasileiros fizeram mais de 9 mil viagens com africanos escravizados. *BBC News Brasil*. São Paulo, 7 ago. 2018. Tradução nossa. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45092235#:~:text=Al%C3%A9m%20disso%2C%20independentemente%20de%20quem,Estados%20Unidos%2C%20foram%20389%20mil>. Acesso em: 15 jun. 2020.

Sousa, R. População indígena no Brasil. *Mundo Educação*. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/a-populacao-indigena-no-brasil.htm>. Acesso em: 8 jun. 2020.

Terra Nullius. *Racism no way: Anti-racism education for Australian schools*. Tradução nossa. Disponível em: <https://www.racismnoway.com.au/teaching-resources/factsheets/terra-nullius/>. Acesso em 8 jun. 2020.

The Editors of Encyclopaedia Britannica. White Australia policy. *Encyclopaedia Britannica*. Tradução nossa. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/White-Australia-Policy>. Acesso em: 15 jun. 2020.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise do discurso 69, 70, 81, 82, 204, 209, 227

C

Compreensão 4, 5, 7, 8, 18, 24, 31, 33, 34, 37, 41, 47, 50, 52, 54, 70, 86, 87, 95, 98, 100, 103, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 119, 124, 125, 126, 129, 130, 132, 133, 134, 136, 137, 143, 149, 150, 151, 157, 169, 185, 200, 201, 204, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 215, 216, 218, 220, 221, 222, 224, 228, 229, 230, 231, 234, 236

Construções 40, 44, 47, 95, 102, 142, 159, 184, 235

Contexto 3, 18, 19, 21, 22, 24, 27, 30, 33, 37, 44, 45, 50, 53, 54, 69, 77, 80, 81, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 95, 98, 100, 103, 112, 113, 115, 116, 117, 119, 124, 125, 126, 132, 138, 142, 143, 170, 173, 175, 179, 181, 190, 191, 193, 200, 202, 204, 205, 206, 207, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 218, 225, 226, 228, 229, 230, 235, 236, 237

Cultura 28, 29, 49, 80, 81, 85, 109, 111, 113, 115, 116, 117, 119, 120, 124, 136, 156, 171, 184, 185, 188, 203, 207, 220, 238

D

Discursos jornalísticos 82

E

Ensino de português 97, 109, 120, 122, 123, 136, 142

Escrita 2, 26, 27, 31, 32, 33, 34, 35, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 54, 55, 87, 108, 110, 111, 112, 113, 116, 118, 119, 126, 130, 131, 132, 157, 158, 159, 160, 165, 168, 170, 171, 172, 173, 175, 179, 181, 182, 209, 217, 218, 221, 222, 227, 228, 236, 237

Estágio supervisionado 172, 173, 179, 181

G

Gênero discursivo 25, 30, 31, 35, 37, 108, 122, 126, 127, 135

Gêneros 24, 25, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 86, 87, 88, 93, 112, 122, 123, 126, 127, 128, 133, 134, 135, 136, 147, 149, 151, 204, 215, 216, 221, 238

L

Leitura 2, 3, 5, 6, 12, 25, 27, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 39, 40, 41, 43, 45, 46, 47, 50, 51, 52, 53, 54, 86, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 109, 110, 113, 115, 119, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 148, 149, 170, 178, 179, 181, 182, 185, 208, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 235, 236, 237, 238

Letras 24, 25, 40, 41, 49, 53, 67, 69, 81, 109, 110, 120, 124, 147, 150, 157, 170, 172, 173, 181, 188, 200, 204, 216, 222, 237, 238

Léxico 2, 4, 6, 7, 8, 19, 112, 121, 127, 147, 149, 151, 173, 174, 175, 202

Língua 1, 2, 4, 5, 6, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 32, 33, 34, 42, 43, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 82, 83, 86, 88, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 138, 139, 142, 143, 145, 147, 148, 149, 151, 156, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 179, 181, 182, 183, 184, 185, 187, 188, 196, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 213, 216, 217, 218, 221, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 237, 238

Língua estrangeira 88, 109, 113, 114, 117, 122, 123, 128, 129, 130, 131, 133, 135, 139, 142, 228

Linguagem 3, 12, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 33, 38, 40, 43, 45, 46, 49, 54, 70, 73, 77, 81, 86, 87, 88, 90, 93, 95, 99, 100, 101, 103, 104, 105, 106, 108, 112, 115, 117, 122, 125, 126, 133, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 177, 178, 179, 181, 201, 202, 203, 204, 205, 207, 209, 219, 220, 222, 226, 227, 229, 232, 236, 237, 238

Linguística 24, 25, 30, 40, 41, 42, 46, 52, 53, 54, 81, 94, 96, 97, 102, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 117, 120, 124, 131, 136, 147, 148, 149, 150, 151, 156, 158, 170, 171, 172, 173, 174, 177, 178, 179, 181, 182, 185, 187, 188, 201, 202, 203, 205, 206, 210, 211, 214, 217, 221, 223, 224, 225, 226, 227, 229, 230, 236, 237, 238

Literatura 11, 12, 14, 22, 23, 28, 29, 48, 55, 127, 148, 149, 150, 151, 173, 179, 181, 183, 220, 222, 231, 238

M

Música 106, 142, 151, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199

O

Oficina 100, 104, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 221, 237

P

Prática 26, 38, 44, 46, 50, 53, 85, 108, 113, 119, 121, 147, 148, 149, 158, 179, 189, 190, 192, 193, 195, 196, 197, 200, 202, 203, 204, 210, 217, 219, 220, 222, 224, 225, 228, 230, 231, 238

R

Representações 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 72, 209, 232

S

Semântica 1, 11, 19, 21, 22, 71, 72, 78, 108, 112, 130, 150, 204, 208, 227

Sentido 8, 12, 19, 21, 33, 43, 44, 45, 49, 50, 70, 71, 73, 85, 94, 95, 105, 107, 120, 125, 128, 130, 132, 138, 139, 143, 149, 150, 158, 159, 174, 177, 201, 202, 206, 207, 210, 212, 213,

218, 219, 221, 222, 223, 225, 226, 228, 230, 232, 236

T

Tecnologia 93, 159, 189, 191, 194, 197

Texto 12, 16, 25, 27, 30, 33, 34, 37, 38, 39, 41, 45, 46, 47, 48, 50, 70, 71, 72, 73, 81, 82, 86, 100, 103, 104, 105, 109, 110, 113, 116, 118, 119, 120, 124, 125, 126, 129, 130, 131, 132, 141, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 161, 163, 168, 169, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 184, 185, 189, 192, 198, 200, 201, 202, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 234, 235, 236, 237

Tradução intermodal 182, 183, 187

Letras:

Representações, Construções
e Textualidades

2

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br



 **Atena**
Editora

Ano 2021

Letras:

Representações, Construções
e Textualidades

2

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



 Atena
Editora

Ano 2021